

Analice Dutra Pillar
Maria Helena Wagner Rossi
Fabiane Villela Marroni
Organizadoras



**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**

GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

**Analice Dutra Pillar | Maria Helena Wagner Rossi |
Fabiane Villela Marroni**

Organizadoras

**DIÁLOGOS
ENTRE
EDUCAÇÃO
E ARTE**
GEARTE 25 ANOS

EDITORA TEXTOS

Copyright © GEARTE, 2022

Editora Textos [desde 2005]

Contato: editoratextos@gmail.com

www.editoratextos.com.br

Pelotas, RS

Os dados e a completude das referências e figuras dos capítulos são de inteira e única responsabilidade de cada autor(a).

Projeto gráfico e diagramação: Textos projetos editoriais

Capa: Umbelina Maria Duarte Barreto

Presidente do Conselho Editorial

Marcos Villela Pereira

Conselho Editorial

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira (PUC-SP) • Anamélia Bueno Buoro (CPS-PUCSP) • Eric Landowski (CNRS | França) • João Ciaco (CPS-PUCSP) • José Luiz Fiorin (USP) • Marcelo Machado Martins (UFPE) • Moema Rebouças (UFES) • Yvana Fechine (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogos entre educação e arte [livro eletrônico] : Gearte 25 anos /
organização Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi,
Fabiane Villela Marroni. -- Pelotas, RS :
Editora Textos, 2022.
PDF.

Vários autores.
ISBN 978-65-999045-0-9

1. Artes 2. Educação 3. Gearte – História 4. Professores –
Formação I. Pillar, Analice Dutra. II. Rossi, Maria Helena Wagner.
III. Marroni, Fabiane Villela.

22-132760

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e arte 370.1

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

PESQUISAS EM DIÁLOGO: O NÍVEL NARRATIVO, JUNÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DE DUAS PESQUISADORAS

Marília Forgearini Nunes

Júlia Soares Martini

Esse texto tem como objetivo analisar o encontro de duas pesquisadoras, um “pequeno espetáculo” da vida, como afirma Greimas em "Semântica Estrutural" conforme destaca Landowski (2017, p. 84). Esse encontro será analisado com foco no nível narrativo do percurso gerativo de sentido, descrevendo as junções (conjunções e disjunções) estabelecidas no desenvolvimento desse encontro e as transformações que se sucederam e foram fortalecidas nas interações no Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE).

Coloca-se em cena a interação de duas pesquisadoras e de duas pesquisas que têm em comum a perspectiva teórica, a semiótica discursiva, aplicada à compreensão da produção de sentido em dois objetos de sentido que compartilham a linguagem visual: a literatura infantil e o desenho de animação. Interessa-nos destacar efeitos de

sentido tanto do encontro entre as pesquisadoras promovido pela iniciação científica, quanto das isotopias na figuratividade das personagens nos objetos de sentido por elas analisados em suas pesquisas. Esses efeitos de sentido possibilitam tematizar discursivamente o desenvolvimento acadêmico científico promovido e fortalecido nas interações no GEARTE, grupo que há um quarto de século realiza estudos e pesquisas relacionando Educação e Arte no Brasil.

O texto inicia relatando o encontro das pesquisadoras e evidenciando o que há de comum e de particular nas trajetórias percorridas e que se encontram na orientação da iniciação científica e do trabalho de curso (TC) da licenciatura em Pedagogia. Em seguida, apresenta-se contextualização teórica. Por fim, realiza-se a análise semiótica das figuras de dois personagens dos objetos de sentido analisados pelas duas pesquisadoras: a menina de *A menina e o tambor* (JUNQUEIRA, 2009), livro de imagem e o menino de *Irmão do Jorel* (ENRICO, 2014), desenho de animação. Dessa maneira, a semiótica discursiva, que além de ser base teórica comum entre as pesquisadoras, também é usada para empreender uma análise do percurso gerativo de sentido desse encontro que reverbera no GEARTE.

O foco no nível narrativo pretende evidenciar os enunciados de estado e de fazer que estruturam a narrativa do encontro entre as pesquisadoras utilizando também a figura dos personagens para destacar o movimento da performance narrativa, apontando não apenas combinações, mas também as articulações entre os elementos de expressão que estruturam essa narrativa. Ao mesmo tempo que se identifica a harmonia entre os eventos que constituem as pesquisadoras e motivam o seu encontro, há também eventos que se articulam evidenciando que o vínculo cria possibilidades de novos encontros. Os

personagens presentificam a interação e o sentido dela decorrente, uma interação baseada no ajustamento em que as ideias contrastantes *ser experiente* x *ser principiante* se alternam, não havendo a prevalência de uma dessas ideias na performance dessa narrativa, mas evidenciando que a alternância é parte do processo de desenvolvimento inerente ao fazer pesquisador.

O encontro de pesquisadoras e pesquisas: entre conjunções e disjunções

Em 2017, as pesquisadoras tiveram seu primeiro encontro, como professora e aluna, em uma disciplina do curso de graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nessa disciplina, “EDU02051 Análise e produção do texto acadêmico”¹, os objetivos eram identificar e analisar as características textuais e discursivas de diferentes gêneros acadêmicos (resumo, resenha, artigo, relatório etc), tendo em vista sua aplicação na leitura, escrita e apresentação oral de trabalhos na graduação; introduzir o planejamento para a produção textual de gêneros acadêmicos, levando em consideração autoria, leitor presumido, espaço social de publicização e nível de formalidade; conhecer e utilizar as normas da ABNT em relação à formatação do texto acadêmico, à citação e à referenciação e localizar informações em pesquisas acadêmicas.

A disciplina já demarcava a interação pela via acadêmica-científica a partir da promoção da leitura do texto acadêmico. Desse modo, o encontro inaugural, de alguma forma, já dava indícios do viés

¹ Essa disciplina não consta mais no currículo da licenciatura em Pedagogia, foi substituída em 2018/2 pela disciplina EDU02135 Leitura e produção escrita na constituição docente.

acadêmico que aproximaria as pesquisadoras. De 2018 até 2021², professora e aluna se tornaram orientadora e orientanda com o início das atividades na iniciação científica, até a conclusão da graduação em Pedagogia da orientanda em 2021.

A professora realizou em seu doutorado pesquisa em que se propôs a pensar a leitura mediada do livro de imagem no ensino fundamental, compreendendo-a como prática de interação e sentido, possibilitando o letramento visual (NUNES, 2013). Tendo a semiótica discursiva como base teórica, seguiu suas pesquisas sempre vinculando-se aos temas da mediação e da leitura de literatura infantil. Essas pesquisas motivaram o encontro com a segunda pesquisadora, estudante de licenciatura em Pedagogia. Desse encontro mediado pela iniciação científica resultou a pesquisa *Letramento audiovisual: análise, planejamento e mediação a partir de um desenho animado* (MARTINI, 2020), que foi trabalho de curso (TC) da licenciatura em Pedagogia concluída pela jovem pesquisadora em 2021.

Assim, a interação promovida pela iniciação científica se encaminhou para a construção de uma narrativa que assumia como ação em foco a mediação, pretendendo ampliar a compreensão sobre esse fazer em relação a diferentes objetos de sentido, o que levava a compreender o processo de produção de sentido. Além do foco na mediação, uma característica do objeto empírico assumido por cada uma reforçou essa conjunção: a linguagem visual. Essa primeira conjunção motivou um enunciado de fazer que trouxe a transformação da narrativa desse encontro. A mediação revela a conjunção, a imagem, como objeto empírico, a princípio reforça essa conjunção, porém transforma-se visto que uma das pesquisadoras volta sua atenção à

² 2018-2019 - Bolsista BIC/UFRGS; 2019-2020 – Bolsista BIC/UFRGS; 2020-2021 Bolsista PIBIC/CNPq-UFRGS; 2021 Bolsista PIBIC/CNPq-UFRGS.

imagem na literatura infantil e a outra para o visual em movimento e associado ao áudio nos desenhos animados.

O nível narrativo do percurso gerativo de sentido é assumido como foco de atenção para abordar o encontro entre as pesquisadoras porque possibilita identificar os efeitos de sentido decorrentes dessas junções, conjunções ou disjunções, e das transformações que estruturam a interação que se analisa. Uma interação cujo sentido em seu nível fundamental pode ser definido pela oposição *experiente x principiante*, no nível narrativo permite identificar os estados e transformações dos actantes envolvidos bem como as relações estabelecidas e, no nível discursivo, tematiza o processo de desenvolvimento de pesquisadoras que são parte de um grupo de pesquisa.

Esse modo de compreender a produção de sentido assenta-se nos conceitos e construções teóricas da semiótica discursiva que são delineados na continuidade desse estudo.

Percurso gerativo de sentido: o nível narrativo

As pesquisas apresentadas em interação neste trabalho se apoiam na semiótica de linha francesa, desenvolvida por A. J. Greimas. A semiótica, “definindo-se como teoria geral do texto e da significação, [...] ocupa-se da produção de sentido de um texto por meio de uma metodologia que considera a articulação entre o plano o conteúdo e um plano da expressão e categorias gerais de análise” (TEIXEIRA, 2009, p. 42). Para a semiótica tudo é texto, não somente o texto verbal. Dessa maneira, propagandas, livros de literatura infantil que congregam linguagem verbal e visual, obras de arte (pinturas, esculturas, instalações, ...), filmes, desenhos animados, interações sociais - até mesmo a relação estabelecida entre orientador e orientanda no

processo de iniciação científica – tudo é texto possível de ser lido e analisado em busca dos efeitos de sentido. Em vista disso, concebe-se uma teoria geral do sentido, “porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação” (FIORIN, 2012, p. 166).

Em outras palavras, a teoria semiótica “dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se fundamentalmente em estudar mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido” (FIORIN, 2012, p. 166). Isso não significa que ignore o contexto sócio-histórico do texto, apenas enfatiza a geração do sentido em ato, a partir da interação entre objeto-sujeito, sujeito-sujeito, objeto-objeto.

Esse conceito de texto é coerente à caracterização gerativa da teoria semiótica, que, “concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico” (FIORIN, 2012, p. 167) imanente ao texto inicialmente para depois abrir-se às interlocuções com os contextos. Por conta disso, a semiótica constitui o sentido do texto em uma análise que parte do seu plano de conteúdo na forma de um percurso gerativo de sentido (BARROS, 2005) considerando o que se apresenta no texto.

O percurso gerativo de sentido “é uma representação dinâmica dessa produção de sentido; é a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação” (FLOCH, 2001, p. 15). Este percurso é composto por três etapas: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo, “podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis” (BARROS, 2005, p. 10). O nível fundamental é aquele em que “surge a significação como uma oposição

semântica mínima” (BARROS, 2005, p. 11). Em outras palavras, a semiótica acredita que todo texto fundamenta-se em uma oposição entre dois termos de um mesmo campo semântico e é a partir dessa oposição que o sentido é gerado.

O nível narrativo organiza a narrativa complexa do texto evidenciando uma transformação que ocorre entre dois estados sucessivos. Existem dois enunciados na sintaxe narrativa: o enunciado de estado, o qual estabelece uma relação de conjunção ou disjunção entre um sujeito e um objeto e o enunciado de fazer, que mostra as transformações de um estado para outro (FIORIN, 2021, p. 28). A narratividade, ou a “transformação do conteúdo” (FIORIN, 2021, p. 28), organiza-se em uma sequência canônica de quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção (FIORIN, 2021, p. 29). Cada uma delas apresenta uma função específica no desenvolvimento do discurso narrativo.

Na manipulação, um sujeito ou objeto irá agir estrategicamente sobre outro, utilizando tentação, intimidação, sedução ou provocação para levá-lo a querer ou dever fazer alguma coisa. Em seguida, na competência, o sujeito que irá realizar a transformação central de estados é dotado de um saber ou um poder fazer. Esse sujeito irá agir, então, na performance, fase em que ocorre a mudança central da narrativa. Por fim, na fase da sanção, constata-se que a performance se realizou.

Após o nível narrativo, a última etapa do percurso gerativo de sentido é o nível discursivo. Nível em que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, 2021, p. 41). Em outras palavras, “a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação” (BARROS, 2005, p. 11). Dessa maneira, é no nível discursivo em que se conferem nomes e sentidos aos termos e formas

abstratas dos níveis anteriores, ou seja, “as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras” (BARROS, 2005, p. 13).

O que se apresenta neste estudo é uma análise desse percurso gerativo de sentido considerando como texto a interação entre as pesquisadoras a partir do processo de iniciação científica e dos personagens de objetos de sentido por elas analisados, pretendendo evidenciar o nível narrativo desse percurso. O destaque ao nível narrativo realiza-se para que se evidencie o processo de transformação ou constituição de pesquisadoras cujo fazer é inerente a um grupo de pesquisa.

Personagens em conjunção, performances de pesquisas

A primeira autora deste texto tem como objeto empírico de pesquisa desde o seu doutorado tanto a mediação associada à leitura, quanto a imagem nos livros de literatura infantil. A segunda autora, no movimento de constituição como pesquisadora durante a iniciação científica, optou por associar as ações de ler e de mediar ao desenho animado como objeto de sentido.

O diálogo entre as pesquisadoras e suas pesquisas constituiu um enunciado de estado ocorrendo a conjunção entre os objetos de análise e a perspectiva teórica assumida por elas. O referencial teórico que serve de base para compreender o sentido dos objetos empíricos selecionados – imagem na literatura infantil e desenho animado – é a principal figura dessa conjunção: a semiótica discursiva que, conforme contextualização já apresentada, tem como objeto o texto pretendendo descrever “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 7). As duas pesquisadoras recorrem à semiótica a

fim de entender os efeitos de sentido possíveis nos objetos empíricos selecionados. Essa conjunção, decorrente de uma manipulação baseada na sedução, isto é, nos levar a querer ou dever fazer, motivada pela interação da iniciação científica³, porém não prevalece. Há uma disjunção entre os objetos de análise, já que, o desenho animado se constitui como objeto sincrético congregando diferentes linguagens na sua constituição global. Essa não-prevalência é parte do movimento narrativo da iniciação científica, que pretende “[...] estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade [...]” (CONSELHO, 2022).

No entanto, mesmo havendo disjunção, visto que se trata de imagem na literatura infantil e imagem no desenho de animação, textos diversos em sua constituição, novamente evidencia-se um enunciado de estado que aproxima as pesquisadoras por meio da linguagem visual comum aos dois objetos de sentido. Além disso, a conjunção se fortalece por meio da isotopia figurativa nas personagens dos objetos de análise que revelam elementos de expressão.

A narrativa visual do livro de imagem *A menina e o tambor* (JUNQUEIRA, 2009) foi analisada por Nunes (2013) em sua tese. Trata-se de um livro de imagem que apresenta a história de uma alegre menina que o leitor conhece, primeiro, na capa, sentada no chão de seu quarto, recostada em sua cama, tocando flauta em meio aos seus brinquedos (Fig.1) e, depois, caminhando e assobiando uma melodia alegre (Fig.2).

³ Dentre os objetivos da iniciação científica conforme o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq está "proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa" (CONSELHO, 2022).

Figura 1. Capa de "A menina e o tambor" (JUNQUEIRA, 2008)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 2. Personagem de "A menina e o tambor" (JUNQUEIRA, 2008)



Fonte: arquivo pessoal.

Ao longo das páginas do livro acompanha-se a menina andando pelas ruas e notando, ao longo do caminho, a tristeza das pessoas contrastando com a sua alegria. Diante dessa situação, ela busca, de várias maneiras, transmitir alegria a essas pessoas. As tentativas, no entanto, são frustradas até o momento em que ela ouve a batida do seu coração e percebe a semelhança do som produzido por seu corpo com o de um tambor. A semelhança sonora entre as batidas do coração e de um instrumento de percussão é o elemento narrativo que provoca a transformação da tristeza à felicidade. As batidas do tambor, que é tocado pela menina, contagiam o coração das pessoas que ela encontrou antes, trazendo a felicidade para o rosto delas e para seus modos de agir. O elemento cromático é essencial nessa mudança de comportamento, das cores opacas que apresentam as pessoas tristes, às cores mais vibrantes que revelam a felicidade instaurada. Uma

mudança que resultado do fazer da menina, o toque de seu tambor que se torna estratégia de manipulação para motivar a felicidade das pessoas.

Não se sabe o nome da menina, pois trata-se de um livro de imagem sem texto verbal a não ser o título e informações de autoria e edição. Ela é uma menina negra, no cabelo três pequenas tranças arrematadas ao final por uma conta de cada cor, vestindo camiseta amarela, calça vermelha e sapatos dessa mesma cor. Não se vê o seu olhar, mas a passada que indica movimento, o sinal positivo com o polegar erguido, os lábios unidos em assobio e as notas musicais ao seu redor em diferentes cores, tudo isso tendo a cor amarela predominante no plano de fundo, são elementos que configuram um discurso de alegria. As cores quentes, vermelho e amarelo, associadas às linhas em curvas ascendentes prevalecendo as formas arredondadas reiteram a felicidade apresentada por essa menina.

O personagem do objeto empírico de Martini (2020) é o “Irmão do Jorel”⁴, personagem principal do desenho animado brasileiro de mesmo nome “Irmão do Jorel” (ENRICO, 2014). Trata-se de uma série de animação criada por Juliano Enrico e produzida pelo *Cartoon Network* em parceria com a *Copa Studio*. O seriado conta a história do caçula de uma família brasileira e suas aventuras diárias. Este menino vive à sombra do irmão mais velho, Jorel, o qual é idolatrado e amado por todos por seus talentos e beleza física. Por conta disso, não sabemos qual é o nome do nosso protagonista, já que ele é chamado apenas como “Irmão do Jorel”.

⁴ Em razão do nome do personagem e nome da série serem os mesmos, considera-se “Irmão do Jorel” como personagem e “Irmão do Jorel” como título do desenho animado.

“Irmão do Jorel” (Fig.3) é um menino branco, magro, de cabelos pretos e crespos. Ele veste uma regata preta, um short vermelho e uma galocha amarela. Seus olhos são grandes e redondos, preenchendo quase todo o seu rosto, suas pupilas, porém, são pequenos pontos pretos localizados no centro da circunferência branca dos olhos. Uma linha fina na cor preta desenha a boca, da qual se vê o lábio superior, emendado ao pequeno nariz. Dois pequenos dentes se mostram salientes ultrapassando o lábio. “Irmão do Jorel” acena com sua mão esquerda erguida com um leve sorriso e olhar voltado para quem olha a imagem, como se estivesse cumprimentando o espectador.

Figura 3. Personagem “Irmão do Jorel”



Fonte: criado por Juliano Enrico (2014).

A menina e “Irmão do Jorel” são crianças, são duas figuras que apresentam modos de ser criança felizes e simpáticas ao outro, duas figuras em que se identifica a repetição das cores quentes e primárias (vermelho e amarelo) em seu modo e vestir possibilitando a semantização do ser iniciante, aberto ao mundo e suas relações inaugurais e sensíveis.

As formas arredondadas, decorrentes das linhas curvas que constituem as figuras do menino “Irmão do Jorel” e da menina que assobia alegremente, reforçam o tema da infância, não uma infância prospectiva, “isto é, em uma perspectiva do que se tornarão” (CORSARO, 2011), mas uma infância que entende as crianças como parte da sociedade, sujeitos ativos e participativos na constituição do mundo. Essa figurativização da infância está também no modo descompromissado com que a menina senta no chão de seu quarto, em meio aos brinquedos e toca sua flauta ou caminha assobiando alegremente, no modo de vestir de “Irmão do Jorel”, misturando blusa sem manga, mais apropriada ao clima quente, pressupondo sol, com botas tipo galocha, mais adequadas a um dia de chuva.

Essa isotopia discursiva decorrente do tema da infância que reveste a narrativa visual das duas personagens traz à tona a oposição *ser experiente* x *ser principiante* que é fundante da relação entre as pesquisadoras analisadas neste texto. As personagens, portanto, reforçam a conjunção entre as pesquisadoras autoras deste estudo, porém nessa interação não se identifica um valor eufórico predominante como no caso dos personagens em que o *ser principiante* é constituinte dos personagens e de seus modos ser e agir. No que diz respeito às pesquisadoras, é a alternância entre *ser experiente* x *ser principiante* o que configura o componente actancial de maneira que

ambas ocupam papéis que se definem não somente na interação entre elas, mas ao longo da narrativa em si.

A performance: a transformação de iniciante a experiente ou de experiente a iniciante?

Dentre as autoras deste texto quem é iniciante e quem é experiente no fazer como pesquisadora? Na narrativa desse encontro que se colocou em pauta, em que apenas as duas foram objetos de análise, pode-se assumir simbolicamente que a doutora é a experiente e a graduanda (atualmente já graduada e cursando mestrado) a iniciante, porém não se pode considerar somente essa narrativa mínima, mas há que se levar em conta que essa relação é fruto de uma série de enunciados de fazer e de ser que as constituíram até chegar ao encontro e seguem acontecendo.

A transformação de ambas é constante desde o momento em que ingressam no ensino superior em nível de graduação, para colocar foco em apenas um conjunto de enunciados que as constitui tendo em vista que não se trata aqui de um estudo biográfico. Do início, sem experiência, à experiência, com mais conhecimento, visto que não se trata de característica definitiva, as autoras vêm ao longo de sua caminhada acadêmica alternando-se nesses papéis actanciais, ora agindo como iniciante, ora como experiente e esse balanço é o que revela a transformação na narrativa desse encontro.

É porque a primeira autora realizou pesquisa de doutorado orientada pela Profa. Dra. Analice Dutra Pillar e, conseqüentemente, passou a ser pesquisadora vinculada ao GEARTE, que uma transformação foi possível fazendo a narrativa acontecer e se complexificar conjugando-se a outras performances decorrentes de outros modos de ser e agir. O exercício orientado de pesquisa e o

ingresso em um grupo de pesquisa possibilitaram que a narrativa aqui apresentada acontecesse. É porque a segunda autora viveu a iniciação científica orientada por uma pesquisadora vinculada ao GEARTE que hoje segue pesquisando em nível de mestrado. Alternam-se as duas no lugar de iniciante na semiótica discursiva, a doutora realizou pesquisa com essa base teórica, assumiu o lugar de mais experiência para dialogar com uma outra pesquisadora possibilitando uma nova pesquisa com o mesmo referencial teórico.

Em um Grupo, como o GEARTE, que celebra 25 anos a sanção, isto é, a comprovação de que houve uma mudança de estado, está em um encontro como o que aqui foi narrado no qual se alternam papéis, realizam-se pesquisas e age-se de modo estratégico motivando o querer fazer dos que estão no Grupo, reverberando para outros que (ainda) não estão, mas podem vir a fazer parte desse ou de outros grupos de pesquisa. Assim, este texto descreve, além de uma análise semiótica de um encontro também um modo de compreender como o processo de desenvolvimento de pesquisadores e seus efeitos de sentido vinculados à importância dos grupos de pesquisa.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4.ed. São Paulo: Parma LTDA, 2005.
- CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. [Brasília]: CNPq, [200-?]. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/pibic>. Acesso em: 16 set. 2022.

FLOCH, Jean Marie. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*: documentos de estudo do centro de pesquisas sociosemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, São Paulo, 2001.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p.165-176, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370>. Acesso em: 16 set. 2022.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

IRMÃO DO JOREL. Direção: Juliano Enrico; Rodrigo Soldado. Produção: Zé Brandão; Felipe Tavares. São Paulo: TV Quase; Copa Studio; Cartoon Network Brasil, 2014.

JUNQUEIRA, Sonia. *A menina e o tambor*: desenhos de Mariângela Haddad. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

LANDOWSKI, Eric. *Com Greimas*: interações semióticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2017.

MARTINI, Júlia S. *Letramento audiovisual*: análise, planejamento e mediação a partir de um desenho animado. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Trabalho de Conclusão (Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/224308>. Acesso em: 16 set. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Lisibilidade da imagem. *Revista da FUNDARTE/Fundação Municipal de Artes de Montenegro*. v. 1, n. 1. jan./jun., p. 5-7, 2001.

TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia. *Linguagens na comunicação*: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 41-77.

MARÍLIA FORGEARINI NUNES

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras

Pesquisas em diálogo: o nível narrativo, junções e transformações de duas pesquisadoras

(PPGL/UNISC) e licenciada em Letras Português/Inglês (UFSM). Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, na área de Didática dos Anos Iniciais, leitura e escrita e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Pesquisadora vinculada aos grupos GEARTE/PPGEDU/CNPq (Grupo de Pesquisa em Educação e Arte), GPED/UFRGS (Grupo de Pesquisa sobre Educação e Disciplinamento), OLLI/UCS/CNPq (Observatório de Leitura e Literatura) e Grupo AULA/CNPq (AULA: alfabetização, linguagem e ensino). Porto Alegre, RS.

Contato: mariliaforjinunes@gmail.com

JÚLIA SOARES MARTINI

Licenciada em Pedagogia (UFRGS), bolsista de Mestrado CNPq no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora vinculada aos grupos GEARTE/PPGEDU/CNPq (Grupo de Pesquisa em Educação e Arte) e ao GPED/UFRGS (Grupo de Pesquisa sobre Educação e Disciplinamento), Porto Alegre, RS.

Contato: juliasoaresmartini99@gmail.com